

O trovão que caiu das nuvens

No folclore japonês Kaminari (trovão) é [...] um ser demoníaco, de cor verde, que carrega um arco de tambores ou um saco de vento e gosta de correr fazendo muito barulho sobre as nuvens, onde habita. Diziam as mães japonesas da Antiguidade que esses seres costumavam comer o umbigo dos seres humanos, portanto, em dia de chuva, era comum ouvir as mães prevenir aos filhos para se vestirem senão o trovão viria pegar seus umbigos.

Conta uma lenda nipônica que numa tarde de verão, há muitos e muitos anos atrás, o céu escureceu repentinamente, e das nuvens negras que tomaram conta do infinito, muitos relâmpagos, raios e trovoadas assustaram um povoado de Owari no Kuni (País de Owari, atual província de Aichi). Na ocasião, um jovem lavrador que trabalhava em sua roça, para se proteger da chuva torrencial que começou a desabar, correu para baixo de uma árvore. Nisso um raio acompanhado de um barulho ensurdecedor caiu nas proximidades, pregando um grande susto no jovem, que se atirou ao chão tremendo de medo.

Passado a chuva de verão, o lavrador levantou-se cautelosamente e notou que por perto havia algo brilhante tentando se movimentar. Ao se aproximar, deparou com uma criatura estranha, feia, que de certo modo lembra o oni (demônio), porém diferenciava pela sua pele de cor verde.

O lavrador então lembrou que aquela criatura só podia ser um trovão, criatura barulhenta que habita sobre as nuvens. A cena era inacreditável, um trovão havia caído das nuvens e se contorcia de dor mesmo desmaiado. O lavrador então correu até a mata próxima e trazendo ervas medicinais, esfregou na pele dura do trovão, principalmente no lado em que havia esborrachado no chão. A erva agiu como um bálsamo e pouco tempo depois, o trovão abriu os olhos e levantou-se com grande esforço. Vendo o jovem lavrador, o trovão curvou-se agradecendo o tratamento recebido.

-Muito obrigado, a erva que esfregaste em mim aliviou minha dor. Eu estava correndo animadamente nas nuvens e não percebi que havia um vão maior que meu passo. Então despenquei por puro descuido.

-Fico satisfeito que tenha se recuperado e curioso para saber como conseguirá voltar às nuvens.

-Vou precisar mais uma vez de sua ajuda. Preciso que construa um barco com a madeira da canforeira, depois encha de água e cubra com galhos e folhas de bambu.

O trovão ficou hospedado na casa do lavrador enquanto esse construía o barco. Alguns dias depois o serviço estava quase concluído.

-Puxa! Está pronto! Que barco bem feito. Enquanto eu descansava para recuperar minhas forças, você fez um belo trabalho. Gostaria de agradecer realizando algum desejo para você. Peça o que quiser, sem cerimônia.

-Bem, nesse caso, gostaria de ter um filho, pois minha mulher e eu estamos casados há alguns anos e ainda não temos filho.

-Não se preocupe, seu desejo será realizado com certeza. Dizendo isso o trovão apanhou o galho de bambu cheio de folhas e começou a mexer na água que o lavrador havia colocado no barco de cânfora. Do movimento circular que ele fazia, começou a sair uma densa neblina e foi subindo em direção do céu. Nisso o trovão subiu na neblina e foi levado até desaparecer no meio das nuvens.

Fonte: "O trovão que caiu das nuvens", Claudio Seto, disponível em: <<http://www.nippo.com.br/lendasdojapao/n210.php>>. Acesso em: 20 out. 2018.

Perun

Filho de Svarog e Lada, irmão de Kalvis, Stribog, Svarozvich, Tiermes, Ursula e Milda, Perun fazia serviços para seu pai na Terra. Perun e Tiermes usavam seus irmãos para conseguir favores de seus pais e pareciam ser os mais fortes dentre eles e, dessa forma, Perun teria subjugado seu pai para se tornar o maior deus do panteão russo. No entanto, ao seduzir a deusa dos rios Ros (possivelmente daonde veio o nome "Rússia"), seu filho com ela, Dazhbog, acabaria por subjugar-lo, tornando-se deus das tempestades.

[...] cavalgava os céus numa carruagem puxada por um bode gigantesco [...], empunhando um arco de pedra que atirava seus raios (ditos como flechas de pedra ou meteoritos) e seu martelo (ou machado) do trovão, que sempre voltava para sua mão quando lançado contra o mal. Podia usar também poderosas maçãs douradas que eram, na verdade, bolas de raios (um raro fenômeno atmosférico). Armas de pedra e de metal eram associadas a ele. [...]

Com sua barba cobreada, era uma divindade criativa que trazia fertilidade e chuva aos campos. Mas as chuvas eram também a representação da batalha divina entre Perun e seu arqui-inimigo Veles. A deusa do sol era casada com ambos. O tempo escuro e chuvoso seria uma manifestação tanto da raiva de Perun quanto dos poderes de Veles que tentava se esconder de Perun para atacá-lo. Os raios e os trovões seriam os ataques de Perun e o fim da chuva significava que Veles tinha sido derrotado. [...]

Fonte: "Perun", Mitographos, disponível em: <<http://mitographos.blogspot.com/2010/02/perun.html>>. Acesso em: 20 de outubro de 2018.

A Justiça de Xangô

Conta a Lenda (história) que certa vez, viu-se Xangô acompanhado de seus exércitos frente a frente com um inimigo que tinha ordens de seus superiores de não fazer prisioneiros, as ordens era aniquilar o exército de Xangô, e assim foi feito, aqueles que caíam prisioneiros eram barbaramente aniquilados, destroçados, mutilados e seus pedaços jogados ao pé da montanha onde o Orixá Xangô estava. Isso provocou a ira de Xangô que num movimento rápido, bate com o seu machado na pedra provocando faíscas que mais pareciam raios. E quanto mais batia mais os raios ganhavam forças e mais inimigos com eles abatia. Tantos foram os raios que todos os inimigos foram vencidos. Pela força do seu machado, mais uma vez Xangô saíra vencedor. Aos prisioneiros, os ministros de Xangô pediam os mesmo tratamento dado aos seus guerreiros, mutilação, atrocidades, destruição total. Com isso não

concordou com Xangô.

- Não! O meu ódio não pode ultrapassar os limites da justiça, eram guerreiros cumprindo ordens, seus líderes é quem devem pagar!

E levantando novamente seu machado em direção ao céu, gerou uma série de raios, dirigindo-os todos, contra os líderes, destruindo-os completamente e em seguida libertou a todos os prisioneiros que fascinados pela maneira de agir de Xangô, passaram a segui-lo e fazer parte de seus exércitos.

Fonte: "A Justiça de Xangô", disponível em:

<<https://www.juntosnocandomble.com.br/2012/05/lenda-justica-de-xango.html>>. Acesso em: 20 out. 2018.